

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Higor Alves Rinaldi da Silva

**O DOCENTE HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTADO DO
CONHECIMENTO E PERSPECTIVAS PARA O EDUCADOR MUSICAL**

Campo Grande - MS

2025

Higor Alves Rinaldi da Silva

**O DOCENTE HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTADO DO
CONHECIMENTO E PERSPECTIVAS PARA O EDUCADOR MUSICAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Música –
Licenciatura da Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul, como
requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em Música.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Camara
Rasslan

Campo Grande - MS

2025

Dedico este trabalho em memória de Manoel Camara Rasslan.
Orientador, professor e amigo essencial nesse
processo formativo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo presente da vida, por sustentá-la materialmente e espiritualmente e por dar sentido as minhas vivências através de sua graça e bondade.

Aos avós, fonte de amor e inspiração.

Em memória de meus avôs, Antônio Francisco da Silva, paterno - Músico trompetista, detentor de um saber inigualável. Querido “vô toninho”, a universidade também é lugar para “pessoas como nós”. E ao Amaral Alves, também em memória, meu avô materno - Que apesar de pouco tempo de convivência, marcou-me com seus atos de amor.

Minhas avós, Eunice de Almeida Alves, materna – Cuidadosa, nostálgica e alegre, obrigado por todo afeto derramado sobre nós. Rosangela Rinaldi, paterna – Sempre carinhosa, expansiva e impetuosa, sou grato por toda dedicação entregue a nós.

Marli Cristina Alves - minha mãe, que mesmo sem saber como, eu lhe disse que “esse negócio de música daria certo”. Enfim, conseguimos! Obrigado por seus conselhos realistas e firmes, pois eles moldaram meus sonhos utópicos. Agradeço por mostrar que não é sobre ser o primeiro da família a formar, mas sobre o que realmente importa: abrir caminho para os próximos que virão. Te amo e admiro muito!

Henrique Rinaldi da Silva, meu pai, obrigado pelo companheirismo e por sempre me acompanhar nas utopias e sonhos, depositando as poucas “fichas” que tínhamos neles. Te amo e admiro muito.

Aos primeiros professores que acreditaram e viram algum potencial em mim: Emerson Motti; Eliel dos Santos; Eli Gabilon; Pablo Weber; Robson Gomide.

Ao professor e amigo, Eduardo Martinelli, pelas orientações e encaminhamentos na música.

Ao amigo flautista e barbeiro, Philip Andara, pelos compartilhamentos de palco e parceria na arte e na vida.

Ao meu orientador Manoel Camara Rasslan, pela paciência e por reconhecer a importância do tema dessa pesquisa para educação.

A minha companheira Meiryene dos Santos Ortiz pela paciência, pelo apoio, e por todo amor expresso em seus atos, sou grato por partilhar a vida com você, te amo e te admiro.

A minha amiga Marcela dos Santos Ortiz pela ajuda e conselhos essenciais sobre a temática desse trabalho quando precisei. Você me ajudou e ajuda a refletir sobre esse e outros conhecimentos.

Todos vocês me mostraram que nada se conquista sozinho e que mesmo sem muito recurso, podemos alcançar objetivos inimagináveis quando nos esforçamos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a presença do docente homem na Educação Infantil, apresentando perspectivas para o educador musical que está inserido nesta etapa da Educação Básica Brasileira. O estudo proposto está fundamentado sobre o estranhamento do professor homem nesse contexto da educação, que historicamente foi e é ocupado majoritariamente por mulheres. Diante disso, essa pesquisa é norteadada pela percepção do educador musical e apresenta considerações históricas e sociais sobre a temática. Para tanto, a proposta desta investigação é construir o estado do conhecimento mapeando, registrando e categorizando o tema central: o docente homem na educação infantil, perpassando pela questão de gênero no contexto educacional e suas representações sociais. Embasado na literatura referente ao tema, foram realizadas pesquisas bibliográficas nas quais as fontes de investigação foram: publicações de revistas específicas em Música com a Qualis A; teses e dissertações do banco de dados da CAPES; teses e dissertações do Google Acadêmico; outros/as autores/as e livros que elucidam referências sobre a temática gênero e educação.

Palavras-chave: Educação Básica, Educação Infantil, Professor Homem, Docência Masculina.

SUMÁRIO

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	8
2. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESTADO DO CONHECIMENTO... 10	
2.1 PRIMEIRA BUSCA BIBLIOGRÁFICA.....	10
2.2 SEGUNDA BUSCA BIBLIOGRÁFICA: CAPES	13
2.3 TERCEIRA BUSCA BIBLIOGRÁFICA: GOOGLE ACADÊMICO	18
3. ESTUDOS DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO DOCENTE.....	21
3.1 CONCEITOS	21
3.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAIS: CONCEITOS PRINCIPAIS	24
3.3 FEMINIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE NOS ANOS INICIAIS	27
3.4 MASCULINIDADE E FEMINILIDADES	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	38

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS

O interesse em realizar um trabalho sobre a presença masculina do professor de música na educação infantil, nasceu com as minhas vivências nas práticas de estágio obrigatório, durante a formação em licenciatura em música pela Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul (UFMS). Essa experiência formativa enquanto professor e pesquisador, fez com que revisitasse minha posição enquanto aluno ainda na infância, buscando recordar sobre quais foram os docentes que contribuíram para minha educação nos anos iniciais, suscitando inquietações e indagações que moldaram parte desse trabalho, como por exemplo, o questionamento e estranhamento de professores homens neste ambiente profissional.

Como metodologia para a construção do estado de conhecimento, foi realizada uma investigação em bancos de dados de pesquisas acadêmicas, a fim de reconhecer uma trajetória histórica da educação básica, principalmente com foco na educação infantil e na educação musical escolar no Brasil. Nesse percurso, pontuou-se os marcos legais e etapas que ocasionaram mudanças significativas na educação e na formação profissional dos docentes, de maneira que, esse panorama geral contribui para a compreensão do cenário atual.

O trabalho tem como objetivo trazer uma compreensão mais abrangente a respeito dos conceitos abordados por múltiplos pesquisadores da área. Para isso, foram realizados levantamentos bibliográficos organizados em quadros conceituais, a fim de mapear, analisar e discutir os impactos do preconceito estrutural presente na sociedade, sobretudo em relação ao indivíduo do sexo masculino que leciona para crianças da primeira infância (0 a 5 anos).

Essa pesquisa contribui com as discussões sobre o professor homem que atua na educação infantil, seja ele professor de música ou pedagogo, uma vez que,

os dilemas e problemáticas impostos pela questão de gênero, afetam todos os sujeitos educacionais.

Compreendendo que a formação acadêmica disponível aos licenciando é a mesma, independente do sexo ou gênero, por qual razão a presença do professor do sexo masculino na educação infantil causa estranhamento? É nesse contexto que emergem inquietações sobre o território da docência, da questão de gênero, da educação musical e da sociedade. Diante disso, as páginas a seguir são conduzidas para um refletir dessas temáticas.

2. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESTADO DO CONHECIMENTO

2.1 Primeira Busca Bibliográfica

O processo de elaboração deste trabalho de conclusão de curso, foi pensado a partir da seguinte questão: Por que existe estranhamento da presença masculina na educação infantil? Diante disso, foi realizado um levantamento em cinco revistas de música sem recorte temporal, que são: Revista Opus, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM); Revista Per Musi do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Revista da Abem, Associação Brasileira de Educação Musical; Revista Vórtex, do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado do Paraná (PPGMUS-UNESPAR); e Revista Hodie, do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal de Goiás (UFG).

A pesquisa foi realizada, com recorte temporal até 2022 e utilizando os seguintes descritores:

- a) “educação básica”;
- b) “educação infantil”;
- c) “gênero”;

Na revista Abem, o descritor “educação básica” rendeu 53 resultados, dos quais foram filtrados pelos títulos e resumos, e selecionados apenas um trabalho relacionado a temática. O descritor “gênero”, encontramos 11 publicações, porém apenas 2 estavam dentro do tema de investigação, sendo que um dos selecionados também já havia sido encontrado na busca anterior. Com o descritor “educação infantil” foram localizados 38 trabalhos, que ao passar pelo mesmo filtro, não elencou nenhum trabalho compatível com o objeto de pesquisa.

Durante a segunda busca bibliográfica, no tópico a seguir, foi necessário incluir descritores mais objetivos à pesquisa, como “professor homem” e “docência

masculina”. A fim de que a pesquisa esteja mais justa e completa, também pesquisou-se esses descritores na Revista Abem, porém não foram encontrados nenhum resultado.

Embora tenham sido empreendidas buscas em todas as revistas descritas, consideramos relevantes para esse momento apenas dois trabalhos. Todos eles da revista Abem de natureza qualitativa e estão catalogados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Relação dos artigos encontrados em revistas de Música.

ANO	AUTORIA	TÍTULO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	ESPÉCIE	TERMO PESQUISADO
2020	Gabriela Garbini Wenning	Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as de música da educação básica.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS)	Artigo (Abem)	Educação Básica
2021	Vânia Müller	Historicizando o conceito de gênero: da Antropologia Feminista à Educação Musical	Universidade do Estado de Santa Catarina. (UDESC)	Artigo (Abem)	Gênero

FONTE: SILVA, 2022 – a partir do site: [ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical](#)

De modo geral, os artigos dispostos darão subsídios para uma breve compreensão da questão de gênero fora e dentro do ambiente escolar, a partir dos trabalhos de Müller (2021) e Wenning (2020).

A pesquisadora Gabriela G. Wenning (2020) realizou uma investigação de natureza qualitativa, onde reuniu um grupo de discussão com três professoras e um professor, todos direcionados pelas seguintes indagações: Como os/as professores/as conceituam Gênero e Sexualidade? Como lidam com a questão de

Gênero e Sexualidade em suas aulas? E por fim, como relacionam Sexualidade e Gênero com Música.

O artigo também discorre sobre a questão de Gênero e Sexualidade na perspectiva das escolas e da legislação educacional. De modo que, demonstra uma abstenção das escolas em promover diálogos sobre a temática, o que é incoerente diante do papel da escola em promover uma formação integral do/a aluno/a.

Para corroborar com as reflexões com ênfase na educação musical, a Bacharel em Música e Doutora em Ciências Humanas Vânia B. Müller (2021), apresenta um panorama contextualizado sobre o desenvolvimento do conceito de Gênero, que a partir dos estudos antropológicos, torna-se uma categoria de análise social dos chamados “marcadores sociais de diferença” (identidades sociais de classe, gênero, racialização, sexualidades, religião e geração). Ela também enfatiza que o caráter relacional do gênero influencia no surgimento das relações de poder, poder esse, que se manifesta nas práticas sociais inclusive nas práticas musicais e educacionais.

Recorrendo as abordagens anticolonialistas, a autora esclarece como o colonialismo através do patriarcado, moldou o conceito de gênero e organizou as relações de poder. Tais estruturas estabelecidas socialmente geraram desigualdade de gênero e normatização de identidade, questões que foram criticadas e questionadas a partir da antropologia feminista, proporcionando mudanças em diversas áreas do conhecimento, inclusive na Música.

Um ponto crucial do trabalho de Müller (2021) nesse aspecto, é a importância de levar em consideração o contexto em que os papéis sociais estão inseridos, esses por sua vez, irão influenciar a formação do gênero. Diante disso, ela questiona o “existir coisas de mulher” e “existir coisas de homem”, chegando a indagar até que ponto isso é de fato algo inato dentro das organizações sociais humanas?

Contrapondo os padrões dominantes do Ocidente, Müller (2021) apresenta a pesquisa realizada por Mead (2003), sobre organizações sociais de algumas culturas, nas quais mulheres ocupavam posição de liderança e eram parceiras

dominadoras, articulando dessa maneira que, as identidades de gênero são moldadas socialmente e não determinadas biologicamente.

Vania Müller (2021), a fim de fundamentar as origens da supremacia masculina e submissão feminina, integra ao seu trabalho reflexões de três pesquisadoras da antropologia feminista, Michelle Rosaldo (1995), Gayle Rubin (1975) e Joan Scott (1990). Elas explanam sobre os papéis sociais que foram reproduzidos, normalizados e legitimados ao longo do tempo. Esses, por sua vez, foram influenciados pelos símbolos culturais e pelas normas institucionais, sustentando a hierarquia entre os sexos por meio dos sistemas educativos, religiosos, políticos e jurídicos.

Através da antropologia interpretativa defendida por Clifford Geertz (1978), Müller (2021), exemplifica que apesar do indivíduo poder ser conduzido pelas normas sociais, esse mesmo sujeito tem suas próprias capacidades de ponderar e agir dentro das estruturas culturais. No entanto, o fato do indivíduo se reconhecer diferente das normas sociais dominantes, é o suficiente para também ser reconhecido e respeitado?

Essas e outras indagações ainda reverberam sobre as visões que existem quanto a imagem do professor homem na Educação Infantil. Por isso, essa pesquisa também se estende para trabalhos acadêmicos de outras bases de dados, como veremos no tópico adiante.

2.2 Segunda Busca Bibliográfica: CAPES

Os trabalhos encontrados nas revistas específicas de música, demonstraram-se insuficientes para suprir efetivamente as indagações da questão de pesquisa. No entanto, a partir de uma busca no catálogo de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior), foram encontrados trabalhos associados ao professor pedagogo com pertinência

significativa ao tema. Diante disso, há uma expansão do escopo de pesquisa estendendo-se a pedagogia infantil.

Os descritores utilizados anteriormente no banco de dados da Abem, como “educação básica”; “educação infantil”; “gênero”, quando utilizados no catálogo de teses e dissertações da CAPES, resultaram em um número amplo de trabalhos que não estavam filtrados dentro da temática e/ou que pertenciam a outras áreas do conhecimento. Diante disso, houve a necessidade de preferir outros descritores que fossem mais objetivo quanto a temática, por isso passou a pesquisar “docência masculina” e “professor homem” na plataforma CAPES.

Vale ressaltar, que a necessidade de adaptar para novos descritores como “docência masculina” e “professor homem” também se foi importante adicionar na pesquisa da revista Abem. Dessa vez, não foram encontrados trabalhos para serem adicionados a investigação.

A segunda busca bibliográfica também teve recorte temporal até 2022 e foi orientada pelas seguintes expressões descritoras:

- a) “docência masculina”;
- b) “professor homem”;

O resultado da pesquisa de < “professor homem” > disponibilizou 19 trabalhos e desses, apenas 2 foram selecionados por seus conteúdos estarem de acordo com a temática de investigação. Utilizando a expressão descritora < “docência masculina”> foram encontradas 16 publicações, sendo que apenas 4 se encaixaram com o filtro pertinente com a tema. A seleção dos trabalhos como referências bibliográficas foram necessárias para manter a intencionalidade da pesquisa. Os trabalhos que não foram aderidos, dispersavam do objeto ou campo de pesquisa. Percebe-se que os trabalhos selecionados são de natureza qualitativa e estão relacionados abaixo por ordem cronológica das suas publicações:

Quadro 2 - Relação de trabalhos encontrados no catálogo de teses e dissertações - CAPES.

ANO	AUTORIA	TÍTULO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	ESPÉCIE	TERMO PESQUISADO
2013	Patrícia Gouvêa Nunes	Docência e Gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)	Pontifícia Universidade Católica – (PUC/GO)	Dissertação De Mestrado – CAPES	Professor homem
2014	Peterson Rigato da Silva	Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/SP)	Dissertação De Mestrado – CAPES	Docência masculina
2015	Karine Jacques Hentges	Homens na educação infantil: o que pensam as diretoras sobre isso?	Universidade Federal de Pelotas – (UFPel)	Dissertação De Mestrado – CAPES	Docência masculina
2019	Rivanildo Monteiro Coutinho	O docente masculino de Educação Infantil na Amazônia: como se percebe e é percebido no espaço escolar de Oriximiná/PA	Universidade Federal Do Oeste Do Pará (UFOPA)	Dissertação De Mestrado – CAPES	Docência masculina
2020	Iristeu Gomes Barboza	Docência masculina na educação infantil: concepções de gestores e de gestoras escolares	Universidade Municipal De São Caetano Do Sul – (USCS)	Dissertação De Mestrado – CAPES	Docência masculina
2022	Antonio Marcos e Sousa Barbosa Miranda	Ser professor homem nas escolas municipais de educação infantil (EMEIS) de Belo Horizonte: Desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professores	Universidade Federal De Minas Gerais - (UFMG)	Dissertação De Mestrado – CAPES	Professor homem

FONTE - SILVA, 2024 a partir do site: [Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES](#)

Os trabalhos encontrados investigam o mesmo objeto de pesquisa, porém, se distinguem principalmente na perspectiva de análise de tal objeto, pois alguns tratam do professor homem na educação infantil a partir das concepções do próprio professor homem, outros consideram esse indivíduo a partir da perspectiva de gestores escolares ou dos/as professores/as colegas de trabalho.

Embora as pesquisas tenham sido realizadas em municípios, estados e países distintos, os professores homens entrevistados tiveram que lidar com as mesmas problemáticas enquanto atuavam na educação infantil. Os questionamentos vinham por parte dos/as gestores/as, dos colegas de profissão ou das famílias dos alunos. Recorrentemente as indagações eram sobre a sexualidade do professor, a necessidade de provar sua idoneidade e competência profissional.

Patrícia G. Nunes (2013), em sua dissertação, buscou compreender como a comunidade escolar do município de Rio Verde – GO percebe o professor homem que atua na de Educação Infantil. A autora aborda temáticas que englobam a construção social do gênero, docência e identidade profissional buscando aporte teórico em políticas públicas para melhor compreensão do tema. Constata-se que, em sua maioria, os homens que atuam na Educação Infantil temem o julgamento social com relação ao cuidado do aluno. Desse modo, muitos deles buscam rapidamente cargos administrativos, reforçando assim a divisão social e de gênero no trabalho.

A dissertação de Peterson R. da Silva (2014) partiu da análise qualitativa de dois professores do sexo masculino que lecionavam na primeira infância, um no Brasil e outro na Itália. O trabalho busca compreender o efeito da presença masculina na Educação Infantil e como ela pode alterar ou reforçar as relações de poder marcadas pelo sexismo e machismo, apontando as práticas pedagógicas como reprodutoras da desigualdade de gênero e da heteronormatividade.

A mestra em educação Karine J. Hentges (2015), analisa professores e auxiliares do sexo masculino que atuam na Educação Infantil no município de Pelotas – RS, a partir da perspectiva das diretoras. Percebe-se, pela pesquisa, que a gestão escolar justifica a ausência de homens que lecionem na Educação Infantil por razões como: baixo salário; relação professor e maternagem - onde homens precisam constantemente reafirmar que são capazes de educar crianças pequenas; e questionamentos a respeito de sua sexualidade por conta da feminização da profissão docente nos anos iniciais. A autora aponta que, a partir das representações das diretoras, é possível compreender as práticas escolares cotidianas, sobretudo na divisão de trabalho entre os sexos.

O estudo de Rivanildo M. Coutinho (2019) abordou como o professor homem que atua na Educação Infantil se percebe e é percebido pelas professoras colegas de trabalho, pelos familiares e pelos educandos. A pesquisa ocorreu em escolas públicas da zona urbana do município de Oriximiná – PA. As professoras alegavam que mulheres teriam mais jeito com as crianças do que homens, por outro lado, os familiares após acompanharem o trabalho dos docentes, viam esse com naturalidade no exercício de sua função educacional. Já os alunos, não demonstraram problemas quanto ao sexo do professor, pois estavam mais interessados com a experiência interativa e educacional que esse pode proporcionar.

O pedagogo e mestre em Educação Iristeu G. Barboza (2020) também discorreu sobre a temática dos professores homens na Educação Infantil com base concepção de gestores(as) escolares. Nesse caso, a pesquisa foi realizada em dois municípios: São Caetano do Sul-SP e Mauá – SP. Nesse estudo o autor explica que o receio e tensão a respeito dos professores homens, está presente no pensamento social da comunidade escolar (pais e profissionais). Entre suas considerações, sublinha-se que, esses preconceitos têm origem nos estereótipos constantemente divulgados e reforçados pelos meios de comunicação. Nesse sentido, os(as)

gestores(as) buscaram resoluções de conflitos através do diálogo e embasamento na legislação vigente.

A dissertação de Antonio M. S. B. Miranda (2022), discorreu sobre a experiência de três docentes homens que atuam na Educação Infantil de Belo Horizonte – MG, e como esses, compreendem sua própria ação educativa em relação com a comunidade escolar. Dentre a sua abordagem, destacou-se que a mediação realizada por parte da gestão escolar, é fundamental para conscientização de familiares e colegas de trabalho, onde essa, contribui diretamente para a construção de um ambiente seguro, convivência ao longo do tempo e desconstrução de preconceitos sobre a presença do professor homem na educação. Desse modo, percebe-se a importância de um reconhecimento e/ou validação da gestão para a comunidade escolar.

2.3 Terceira Busca Bibliográfica: Google Acadêmico

No intuito de encontrar mais trabalhos, uma terceira busca foi realizada, dessa vez utilizando o banco de dados do Google Acadêmico. Contatou-se novamente que os descritores “educação básica”, “educação infantil” e “gênero” estavam muito genéricos e seria necessário filtrar de fato a pesquisa de modo mais intencional.

A terceira busca bibliográfica também teve recorte temporal até o ano de 2022. A pesquisa com o descritor “professor homem” teve como resultado 983 publicações. Enquanto a procura pelo verificador “docência masculina” resultou 316 trabalhos. Pela quantidade de trabalhos totais encontrados e com percepção de muitas áreas diversas de investigações científicas, impossibilitou o filtro pessoal de leituras pelos conteúdos de títulos e resumos. Então a pesquisa foi realizada com

descritores combinados na mesma busca “professor homem” e “docência masculina”.

A partir da pesquisa com dois descritores combinados “docência masculina” e “professor homem” foram encontrados 176 resultados. Então foi realizado um filtro por meio das leituras de títulos e resumos, selecionando as publicações ainda não relacionadas nas tabelas anteriores (Abem e da CAPES).

Todas as pesquisas catalogadas são qualitativas, com exceção de Souza (2014) e Rabelo (2008), que combinam abordagens qualitativas e quantitativas. Na tabela abaixo, encontra-se apenas os trabalhos que não tinham sido citados anteriormente.

Quadro 3 - Relação de trabalhos encontrados no banco de dados do Google Acadêmico

ANO	AUTORIA	TÍTULO	UNIVERSIDADE	ESPÉCIE	TERMO PESQUISADO
2014	Alexandra Paula Cyrino Dos Santos Souza	As Representações Sociais Da Escola E Do Docente Acerca Do Exercício da Docência Masculina Em Séries Iniciais.	Universidade Lusófona De Humanidades E Tecnologias - Instituto De Educação – LISBOA	Dissertação De Mestrado - Google Academico	Docência Masculina
2003	Marcelo Henrique G. de Miranda.	Magistério Masculino: (Re)Despertar Tardio Da Docência	Universidade Federal De Pernambuco Centro De Filosofia E Ciências Humanas Programa De Pós-Graduação Em Sociologia Curso De Mestrado	Dissertação De Mestrado - Google Academico	Docência Masculina

2008	Amanda Oliveira Rabelo	A Figura Masculina Na Docência Do Ensino Primário: Um “Corpo Estranho” No Quotidiano Das Escolas Públicas “Primárias” Do Rio De Janeiro-Brasil E Aveiro-Portugal	Universidade De Aveiro - Departamento De Ciências Da Educação	Tese De Doutorado - Google Acadêmico	Docência Masculina
2021	João Raimundo dos Santos Silva Júnior	A Docência Masculina Na Educação Infantil Em Manaus: Representações De Pais, Mães E Professores	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo Puc – Sp	Tese De Doutorado - Google Acadêmico	Docência Masculina

FONTE - SILVA, 2024 a partir do site: [Google Acadêmico](#)

Os trabalhos de Miranda (2003), Rabelo (2008) e Souza (2014) não investigaram a mesma etapa educacional proposta nesta pesquisa, isto é, abordam o professor do sexo masculino atuante no Ensino Fundamental ao invés da Educação Infantil. Porém, por apresentarem considerações sobre gênero, representação social e profissão docente, foram selecionados como parte desse trabalho, pois suas perspectivas contribuíram para seu embasamento da temática dessa pesquisa.

Silva Júnior (2021) trata especificamente do professor do sexo masculino que leciona na Educação Infantil. O doutor João R. S. Silva Júnior (2021), elucida a respeito das representações sociais que pais, mães e professores/as de uma comunidade escolar em Manaus trazem consigo, e como isso é estigmatizado.

3. ESTUDOS DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO DOCENTE

Previamente este trabalho abordará o termo gênero enquanto categoria de análise, como estruturado por Scott (1995), embasado em estudos antropológicos de gênero, considerando os diversos contextos de investigação. Neste capítulo, apontarei as definições contidas em trabalhos de autores que estudam o termo gênero.

3.1 Conceitos

Na busca por conceitos ou termos que pudessem colaborar para compreensão do termo gênero, dou sequência a este subcapítulo assim:

Se admitimos que as palavras (todas elas) não nos revelam imediata e diretamente o que significam, isso fica especialmente evidente quando nos referimos a gênero. Usualmente as pessoas interessadas nessa perspectiva necessitam explicá-la e se explicar, não apenas conceituando e localizando seu objeto de estudo, como também justificando a escolha desse objeto. Embora eu desejasse iniciar esse texto de outro modo, não vou escapar à regra (LOURO, 1995 p.101).

Scott (1995), está como base dos trabalhos a respeito de gênero e é referência na maior parte dos trabalhos dessa linha de pesquisa. A partir de seus estudos podemos analisar sua definição dupla e complementar, onde enfatiza o princípio da diferença e as relações de poder:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p.86).

Atrelado a isso, a autora apresenta quatro elementos interrelacionados em que gênero irá se apresentar nas relações sociais: (a) Os símbolos culturalmente

disponíveis que evocam representações simbólicas. (b) Conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas. (c) A noção de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência intemporal na representação binária do gênero. (d) A identidade subjetiva.” (SCOTT, 1995).

Quanto ao aspecto (a), podemos identificar diversos representação simbólicas da mulher, em múltiplas culturas, sendo elas positivas ou negativas (Eva e Maria na tradição cristã) ou mitos, (Perséfone e Pandora na mitologia grega). De todo modo, existe sempre um grande alcance/reprodução social a partir destas representações, gerando conceitos limitadores e definições fixas sobre o que é certo e errado, aceito e não aceito. Este, é sequencialmente, o segundo aspecto (b) descrito por Scott. O aspecto (c), é marcado pelo desafio de que: a partir da natureza do debate, exista uma desconstrução da noção de fixidez, que produz a representação binaria de gênero, imutável e inquestionável. O último aspecto (d), faz referência a percepção que o indivíduo tem sobre seu próprio gênero a importância de se refletir de maneira historicamente específica sobre a generificação.

A respeito do aspecto (a) exposto por Scott (1995), a pesquisa realizada por Júnior (2021), traz à tona o cenário de um Brasil escravocrata, ao discorrer sobre o trabalho das amas de leite – mulheres negras que eram alugadas ou vendidas para amamentar e cuidar dos filhos de famílias ricas. Com isso, justifica a origem do pensamento de senso comum de parte da sociedade brasileira, quanto a associação do trabalho feminino ao exercício do cuidado e educação de bebês e crianças pequenas.

O trabalho das amas se limitava aos cuidados maternos aos pequenos sob sua custódia provisória, sem um enfoque pedagógico. Sendo assim, essa realidade convergiu para vincular a figura feminina ao espectro profissional docente na pequena infância (JÚNIOR, 2021. p 36-37).

Retornando aos conceitos do termo gênero, Maria Arlete Bastos Pereira em seu livro “Professor homem: o estrangeiro na educação infantil”, expõe sua concepção de gênero, embasada nas definições de Joan Scott, definindo gênero

como uma categoria de análise histórica. Segundo a autora as definições de gênero são variadas e surgem a partir de um contexto de lutas, sobretudo, lutas das mulheres questionando a existência de um modelo de dominação hegemônico masculino. (PEREIRA, 2016).

Souza (2014), se refere a importância do estudo de gênero como categoria analítica das histórias de homens e mulheres em um determinado contexto e sua relação de poder. “Portanto, os estudos sobre gêneros não devem estar vinculados ao estudo de mulheres ou de homens de forma isoladas, mas da relação entre eles, considerando o processo construído culturalmente ao longo da história” (SOUZA, 2014. p 37).

Müller (2021) baseando-se nos dos estudos antropológicos de gênero, apresenta em seu trabalho, possibilidades de encontrar exceções à “regra” de dominação masculina presente no ocidente.

Em outra tribo, os mundugumor observou que também não tinham “o sexo como base para o estabelecimento de diferenças de personalidade”, pois mulheres e homens eram “ativamente masculinos, viris e sem quaisquer das características suavizadoras e adoçantes que estamos acostumados a crer inalienavelmente femininas”. Já entre os arapesh, “o ideal é o homem dócil e suscetível, casado com uma mulher dócil e suscetível” (MEAD 2003, p. 168 apud MÜLLER, 2021, p 203).

Uma vez cientes de que as concepções machistas são ensinadas e assimiladas historicamente tal como o patriarcado e o machismo, nota-se a necessidade de levar em consideração não apenas o ambiente, mas o valor representativo que cada símbolo terá em determinada cultura, individualmente e coletivamente. Desse modo, nossas noções de representação social tornam-se totalmente relativas e mutáveis quando as comparamos com outras organizações sociais.

Miranda (2003), a partir da produção teórica, expõe o processo histórico que o conceito de gênero passou desde o final do século XIX, até o campo de estudo das masculinidades. Relaciona o estudo de gênero com os estudo feminista, que segundo ele, teve dois momentos de maior visibilidade fundamentais. O primeiro no

início do século XX, através do sufrágismo e o segundo, já na segunda metade do século XX a partir das construções teóricas, tornando a mulher um objeto de estudo acadêmico, como disposto abaixo respectivamente:

A primeira delas, surgida no início do século XX, é denominada “sufragismo”, ou seja, um movimento voltado para estender os direitos civis para a população feminina e em especial o direito de voto. (MIRANDA, 2003. p 33). [...] Foi nos Estados Unidos num contexto repleto de movimentos sociais contra a guerra do Vietnã, contra discriminações raciais, que presenciamos a institucionalização da mulher como objeto de estudo na forma de Programas para Women’s Studies (MIRANDA, 2003. p 34).

Ainda em Miranda (2003), temos esclarecimento sobre a mudança de nomenclatura, antes, denominado estudos sobre mulheres e depois, estudo de gênero. Isso, devido a tomada de consciência do caráter relacional que estudo exige.

[...] a produção teórica na academia, num primeiro momento, veio sob a denominação de Women’s Studies, passando em seguida a ser conhecida como gênero apenas na nomenclatura, pois ainda era um sinônimo de estudos sobre as mulheres até chegar a ser pensado como uma categoria relacional (MIRANDA, 2003. p 35).

O autor salienta sobre um ponto extremamente importante nesse estudo, a diferença entre sexo e gênero, afirmando que:

[...] a idéia básica da diferença entre sexo e gênero é que você, o indivíduo, nasce do sexo masculino ou feminino, fisiologicamente falando, enquanto gênero está relacionado às atribuições que cada sociedade impõe ao homem ou à mulher por meio da cultura (MIRANDA, 2003. p 37).

3.2 Representação Sociais: Conceitos Principais

Para elucidar a pesquisa dos conceitos, faz se necessário compreender os conceitos que permeiam a temática embasados nos estudos precursores sobre representações sociais de Moscovici (1978). Para o autor, as representações sociais são maneiras de criar concepções coletivamente, afirmando que de acordo com o contexto de vida social, tais criações podem variar e ainda salienta sobre como o

representar faz parte do cotidiano “as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano” (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

Diante dos estudos realizados por Rabelo (2010) observamos as seguintes considerações acerca das representações:

A interpretação, construção, vivência de um determinado contexto é feita através de “representações”, um termo que é teorizado de formas diferentes por muitos autores, mas que também é utilizado freqüentemente no nosso cotidiano (grifo da autora). (RABELO, 2010. p.109).

A autora citada acima, Rabelo (2010), chama atenção para as variações deste conceito dentro do vocabulário, alegando que representar é um ato constante na vida humana e que é por meio das representações que os indivíduos se adequam no meio onde vivem.

Este conceito pode ser definido no nosso vocabulário tanto relacionada com a representação teatral ou artística (imagem, desenho ou pintura que representa algo; exposição; desempenho de atores; figuração), quanto interligada às nossas formas de perceber o mundo pela interpretação, reprodução ou imagem mental de percepção interior. Também pode demonstrar autoridade e importância, muitas vezes articulada com algum tipo de cargo ou função e, até mesmo, as formas de representação jurídica (RABELO, 2008. p.109).

Miranda (2003), Rabelo (2008), Souza (2014), analisam e destacam autores que discorrem sobre representação social, Moscovici (1961), é apresentado por Miranda (2003), como precursor da teoria da representação social que questionava a visão de Émile Durkheim sobre a representação coletiva, porém salienta que:

Entretanto, para Moscovici, a noção de representações sociais não negaria as representações coletivas, na medida que pressupõe conhecimento compartilhado. As representações sociais, enfatizando a atividade do sujeito, seriam características da sociedade moderna, na qual os meios de comunicação de massa constituem um dos elementos que caracterizariam a sociedade atual como complexa, que se diferencia da sociedade menos complexa estudada por Durkheim (MIRANDA, 2003. p 56).

Essa relação entre representações sociais e as representações coletivas, esclarecem sobre a perspectiva social de estranhamento da presença ou ausência do professor homem no ensino infantil. Desse modo, os indivíduos de uma sociedade, que tem o professor homem como minoria no ensino primário, buscariam, mesmo que inconscientemente, argumentos afins de explicar, justificar e formar ações desejáveis baseado naquilo que é significativo dentro de sua representação social, tais como: “homens não tem habilidade para docência” e “mulheres tem o dom para lidar com criança”, colocando homens como mais autoritários e controladores e mulheres como delicadas e pacientes, alega a autora. (RABELO, 2008).

Souza (2014) apresenta ideais de Moscovici (1961), dialogando fluentemente com a explanação feita por Rabelo (2008).

Moscovici (1961) relata que as representações sociais possuem funções como a de explicar os acontecimentos sociais, justificar os comportamentos e a diferenciação social e a de formar maneiras desejáveis de ação no indivíduo que favoreçam a composição do significado do objeto e da situação no seu conjunto, com objetivo de atribuir um sentido real, ou, apenas, de organizá-lo significativamente (SOUZA, 2014. p 38).

Ressaltando a importância do aspecto prático da representação e sua amplitude, Rabelo (2008), dá ênfase para que possamos compreender as narrativas e discursos cotidianos, uma vez que tais discursos formam a base da representação através das relações sociais. Em sua pesquisa ela descreve que:

[...] Jodelet (1989) nos ajuda ao indicar a amplitude das representações sociais – tratadas tanto como campo “estruturado” (que contém os constituintes das representações: valores, opiniões, imagens, informações) quanto como campo “estruturante” (as organizações sócio-culturais, modelos normativos, atitudes) – desta forma, apreendemos que as representações não estão presentes somente nos indivíduos ou na coletividade, mas também nas instituições e organizações que os permeiam e que podem cercear ou liberar nossa criatividade (grifo da autora). (RABELO, 2008. p 119).

A citação acima nos possibilita entender que as representações não estão apenas no campo estruturado, mas também estão dentro das próprias estruturas. Percebe-se dessa maneira, que o estranhamento da presença masculina na

educação, principalmente infantil, se autoalimenta dos valores sociais e das próprias organizações e instituições. Podendo assim, esclarecer sobre as representações sociais e conseqüentemente sobre a ausência de professores homens atuando na docência.

3.3 Feminização da Profissão Docente nos anos iniciais

Embasado na literatura científica, o estudo de Miranda (2003) ressalta a distinção entre ofício/ocupação e profissão. “Portanto, o primeiro termo, no caso, o ofício/ocupação seria a transmissão hereditária dos estatutos e dos ofícios quase sempre se tratando de trabalhos mais manuais, braçais”. O segundo termo abordado pelo autor, sugere que: [...] “profissão seria a livre escolha individual da formação associada a uma atividade do mundo do trabalho” (BOUDON e BOURRICAUD. 2000: 451 apud MIRANDA. 2003. p. 15).

Diante do disposto acima, surge o seguinte questionamento: o que levaria um indivíduo a optar pela profissão docente? Segundo Rabelo (2008), para entender a escolhas profissionais de um indivíduo, é preciso antes, compreender como esse representa seu cotidiano.

[...] entendemos que a escolha docente (e a ligação desta com os indivíduos e seus gêneros) é interligada, entre outros aspectos, com a maneira como os indivíduos recebem suas “prendaspensamentos”, ou seja, como explicam, elaboram e se relacionam com as pessoas com quem têm contato, as instituições que se inserem e o contexto em que se situam (grifo da autora). (RABELO, 2008. p.109).

Souza (2014), declara que sempre haverá uma representação social pré-estabelecida para cada profissão:

[...] as profissões independentes de serem desempenhadas por homens ou mulheres, possuem representações sociais que lhes são atribuídas de acordo com os conceitos elaborados pela sociedade e que caracterizam ocupações de acordo com as habilidades, que são classificadas como “femininas” ou “masculinas” (grifo da autora). (SOUZA, 2014. p 37).

Os estudos de Miranda (2003), também traz um retrospecto histórico sobre a profissão docente no Brasil, analisando os aspectos das feminilidades e masculinidades, que também são caracterizados como conceitos formados a partir da representação. Esse tipo de estudo pode ser um caminho para possibilitar discussões sobre a feminização da profissão docente nos anos iniciais.

Se olharmos para as organizações educacionais no Brasil, vimos anteriormente sobre como se desenvolveram inicialmente as instituições de ensino no país. Na história, vimos que a catequese realizada pelos jesuítas para com os povos nativos e ao ensino voltado aos indivíduos de setores dominantes da época. Miranda (2003), afirma: [...] “aqui no Brasil, também a instituição escolar é, primeiramente, masculina e religiosa” (MIRANDA. 2003. p. 21).

Ainda a respeito da feminização do magistério, Pereira (2016.) expõe que no início do Brasil colônia existiu uma educação feita por homens e para homens que disseminaram valores culturais, morais e religiosos e que partir do século XIX com a urbanização e industrialização no Brasil, os homens migram da escola de nível básico, médio e superior para outras profissões do mercado de trabalho, favorecendo a inserção das mulheres no magistério. Portanto, o que era inicialmente uma profissão masculinizada, passou a ser feminilizada e já não era considerado como uma profissão, mas um chamado, um sacerdócio. (PEREIRA, 2016).

No início do século XX dois principais fatores influenciaram para a recepção da mulher no mercado de trabalho. Um deles foi a migração de homens para o mercado mais industrializado e urbanizado. E segundo foi por meio da própria educação, pois “a partir da permissão obtida pelas meninas de freqüentarem as escolas de ensino elementar e, em seguida, de participarem dos cursos de magistério” (MIRANDA. 2003. p. 22). Ainda se destaca que o “reconhecimento profissional” da mulher na educação, ainda não era exatamente profissional (como eram reconhecidos os homens), mas sim com um olhar mais materno, natural e familiar conforme podemos compreender com o enxerto abaixo:

Alguns desses elementos seriam representações que engendram identificações da profissão docente com a maternidade. Dessa

maneira, as professoras ora são vistas como segundas “mães”, ora como “tias”, prevalecendo relações de parentesco na relação entre professora e aluno e não relações profissionais. A partir dessas identificações as mulheres “naturalmente” se considerariam e são consideradas pela sociedade como mais aptas ao exercício da docência do que os homens” (MIRANDA, 2003. p. 25).

A inclusão da mulher no mercado de trabalho, acontece exatamente em um período de grandes transformações sociais. Por isso, justificou-se muitas relações trabalhistas e sua presença em outros ambientes. Então, a discussão sobre as identidades profissionais estavam se formando ainda, e vemos marcas estruturais tão estabelecida que, até hoje, percebe-se essas demarcações. Souza (2014), apresenta consideração sobre a identidade do professor de educação infantil ainda na atualidade:

[...] a problemática que envolve as identidades desses profissionais, vinculando o processo de feminização ao discurso que permeia esta modalidade de ensino e que sugere as educadoras, assumirem o papel de “mães” e fazer da sala de aula a extensão do lar. Com isso, a sociedade estigmatiza seus profissionais e os impede de assumir sua real identidade, para assim garantir a especificidade da profissão (SOUZA, 2014. p. 36-37).

Pereira (2016), afirma que o baixo salário e a falta de reconhecimento profissional contribuíram para que a maior parte dos homens abandonassem o magistério e a partir Dematini e Antunes (2002), afirma que os poucos homens que ainda assumiram a profissão nessa época, assumiram não como professores, mas como diretores, formadores de professor, supervisores etc. Isso pode estar atrelado há como a figura masculina foi e ainda é vista socialmente: autoridade, disciplinador, rígido.

Por outro lado, a figura feminina é posta como delicada, sensível e carinhosa, afetiva, fazendo com que o magistério fosse uma extensão dos cuidados do lar já exercidos em casa pela mulher. Obviamente isso desvaloriza socialmente a profissão devido ao patriarcado que associa os serviços domésticos não remunerados à docência. Vale lembrar que na educação infantil existe, atualmente, com maior quantidade de mulheres atuantes enquanto professoras, já na educação

profissional os homens são maioria, afirma a autora. PEREIRA, (2016). Ainda sobre o assunto, Rabelo (2008) destaca que:

É importante pontuar aqui que a relação da representação com o preconceito pode ajudar-nos a entender vários dos discursos que circulam sobre o professor primário do sexo masculino, assim como, compreender a existência de professores primários do sexo masculino que não se sentem alvo de preconceito, mas que expressam, ao mesmo tempo, seus próprios pré-conceitos acerca das diferenças do trabalho docente baseadas em gênero (RABELO, 2008. p. 112).

Müller (2021), alerta que apesar das representações inconscientes estarem presente na sociedade, os indivíduos têm pensamentos individuais e contextos sociais diversos, o que faz da representação uma construção através da comunicação e que o sujeito não está totalmente à mercê do determinismo social.¹

Sayão (2005), traz em sua tese de doutorado, um questionamento ao senso comum sobre a relação entre o professor homem e o aluno da primeira infância, por conta da feminização da profissão docente:

[...] São evidentes os preconceitos e estigmas de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida com cuidados corporais de meninos meninas. Dado que, historicamente, e como uma continuação da maternidade os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos. [...] No entanto, além destas crenças mais comuns e, muitas vezes pré-concebidas, o que sabemos sobre como atuam os professores em creches? (SAYÃO, 2005, p. 16).

Tal questionamento é um convite para aqueles que não conhecem a realidade de uma sala de aula ou mesmo nem se quer adentraram em uma, antes de, imbuídos do “achismo”, tirarem conclusões, busquem conhecer, refletir ou vivenciar sobre aquilo que se deduz.

¹ Müller (2021), trata deste contexto ao expor a antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1978), citada na página 15.

Pereira (2016), acrescenta ainda que: Muitas destas crenças populares passam pela imagem criada do homem sexuado, perverso e ativo, contra uma imagem da mulher pura, assexuada e quando um homem está neste ambiente, é questionado de diversas maneiras sobre o motivo da sua presença, onde inclusive sua orientação sexual é posta em questionamento já que se encontra em uma profissão do gênero feminino. (PEREIRA, 2016).

Rabelo (2008), através de uma analogia entre ator e professor, exemplifica que um ator faz uma boa representação, quando consegue realizar os comportamentos esperados de seu personagem, no caso do professor também existe tais representações para com a docência.

As representações que temos de um/a professor/a e a aptidão individual para interpretar tal papel são avaliadas pela sociedade e pelos indivíduos inseridos na mesma, desta forma, estão intimamente ligadas com a produção social e individual dos papéis e das identidades, enfim, as formas de ser, de se portar e de falar (RABELO, 2008. p. 146).

Finalizando a questão de representação a autora ainda chama atenção para as representações generificadas e seus desdobramentos na vida pessoal e profissional dos indivíduos.

O que torna importante para esta tese é o fato de que as representações generificadas (que constroem as atitudes masculinas ou femininas), estão carregadas de discursos e, inclusive, preconceitos que podem diferenciar as práticas e escolhas, principalmente a opção profissional. (RABELO, 2008. p. 147).

Torna-se essencialmente importante compreender o contexto do educador musical na educação infantil. O levantamento bibliográfico de et al Vieira, Cardoso, Ferreira e Neto (2022), analisa artigos publicados em revistas específicas de música e afirma que embora os cursos de música objetivam formar professores (as), a maior parte dos licenciandos em música não pretendem atuar na educação básica formal. Ressaltando que os discentes são predominantemente do sexo masculino nos cursos de licenciatura em música no Brasil. Vieira et al. (2022, p. 8), “O sexo masculino prevalece tendo um total de 279 contra 198 do sexo feminino. Sobre a

intenção de atuar na educação básica houve uma divisão de opiniões: 51,99% indicou não ter a intenção e 48,01% indicaram ter a intenção.”

Diante dessa explanação, percebe-se que o a feminização histórica dessa profissão foi moldada pelos conceitos sociais vigentes, e que, principalmente foram influenciadas por reforços patriarcais. Essas narrativas e determinismos sobre gêneros e representações, se moldaram socialmente, permitindo que até hoje, pré-conceitos existam sobre a atuação dos homens na educação infantil. Por isso, quando nota-se discursos de feminização da profissão, são por enredos históricos e construção sociais, e não necessariamente, por incapacidade do professor homem no ambiente educacional.

3.4 Masculinidade e Feminilidades

Este subcapítulo concentra esforços em discorrer sobre a construção social do feminino e do masculino, seus significados e representações na perspectiva de compreender o professor do sexo masculino em uma profissão feminizada.

A partir de Connel (1995), encontramos uma definição sobre masculinidade onde a autora chama atenção para as múltiplas formas de masculinidade e expõe o termo “masculinidades”.

A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades" (CONNEL, 1995. P 188).

Encontramos em Rabelo (2008), alguns indicadores de como as masculinidades e feminilidades são desenvolvidas. Uma vez que o corpo humano está presente nas relações sociais, este passa a ser julgado de maneira generificada como apresentado anteriormente pela própria autora, isto é: “Como o gênero é uma construção social, um dos objetos marcados pelo gênero é o corpo humano, marcas

que são efetuadas desde o nascimento pela imposição da masculinidade e da feminilidade para identificar cada sexo” (RABELO, 2008. p. 172). Autora ainda ressalta o caráter relacional e representativo das masculinidades e feminilidades [...] “o masculino e o feminino são ‘vividos e aprendidos’” (RABELO, 2008. p. 153).

A Respeito das regras sociais em relação ao sexo, autora resume que: [...] “ambos os sexos assumem modelos de comportamento que lhes são socialmente impostos como se fossem naturais, partilhando pressupostos e contribuindo para acentuar a diferença entre homens e mulheres” (RABELO, 2008. p. 174). Concluo ainda a respeito das responsabilidades que homens e mulheres carregam consigo quanto a desigualdade:

Se ambos partilham os estereótipos e contribuem para a desigualdade tanto reprimindo quanto construindo modos de ser, se cada um contém o sexo oposto, é possível questionar as regras que tentam fixar o masculino e o feminino a partir desta construção do ser, questionar as relações de poder que os formulam e falar de um homem mais feminino e uma mulher mais masculina (RABELO, 2008. p. 175).

Especificamente sobre masculinidade, Rabelo (2008), aponta que esta área de estudo surgiu após os estudos feministas, com questionamentos da masculinidade tradicional. A autora critica o conceito do senso comum sobre o que é ser homem destacando que: [...] “para a maioria das pessoas ser homem é basicamente: não ser mulher, e ter um corpo que apresenta órgãos genitais masculinos” (RABELO, 2008. p. 176).

“ser homem” nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas “a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionadas e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção” (RABELO, 2008. p. 176).

A questão do masculino e do feminino nos remete a noção de identidade. Pereira (2016), encontra uma forte relação entre identidade e diferença, isto é, uma vez que o indivíduo assume determinadas identidades afirmando aquilo que é (sou brasileiro), ele define também o que não é, (não sou argentino), evidenciando a diferença. Entretanto, ressalta que identidade e diferença são produzidas na e pela linguagem, não podendo ser compreendidas fora de seus sistemas culturais e

sociais originários, onde adquiriram sentido, portanto, não são absolutos, nem fixos naturais ou predeterminados (PEREIRA, 2016).

Pereira (2016) salienta que a normalização de uma determinada identidade faz com que as características dessa identidade colocada como norma, sejam positivas e se tornem parâmetro para que outras identidades sejam avaliadas e hierarquizadas de forma negativa. PEREIRA (2016). “Nessa perspectiva, pode-se dizer que a identidade “normal” é invisibilizada, uma vez que é vista como “a” identidade e não como “uma” identidade.” [...] “Nesse sentido, na Educação infantil, é lícito supor que a norma são mulheres no cuidado e educação de crianças, não há para espaço para “uma” identidade, “a” identidade hegemônica passa a ser a mulher: maternal, carinhosa e delicada” (Grifos da autora). (PEREIRA, 2016. p. 63).

Diante do exposto acima, podemos notar que a construção do masculino e do feminino está ligada as representações sociais e que não se trata de uma questão simples e objetiva. Ao contrário disso, existem múltiplas masculinidades e feminilidades que formam a identidade de cada um em diversos contextos sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho permitiu compreender o princípio do estranhamento da presença masculina na educação infantil no Brasil. Partindo das estruturas sociais, baseado na desigualdade de gênero e na divisão sexual do trabalho, tais estruturas, através das relações de poder reproduzem conceitos e padrões de masculinidade e feminilidade hierarquizados, criando representações sociais que são seguidas e considerados normativas. Nesse sentido, um professor do sexo masculino que leciona na educação infantil, foge à está “regra” gerando desconforto, medo, alerta, questionamentos e inseguranças, principalmente quando há necessidade de cuidados com o corpo da criança.

Consta-se também que ao longo da história do Brasil, estamos culturalmente habituados e confortáveis em vermos crianças entregues aos cuidados de profissionais da educação do sexo feminino, tomando essa invenção como algo natural, um dom inato. Sendo assim, um homem lidando com crianças pequenas torna-se um “corpo estranho”, corpo este, que está em constante vigilância dos pais, colegas de trabalho e gestores escolares. Desse modo, demonstrações de afeto vindas do professor do sexo masculino para com os pequenos infantis, podem não ser aceitas e serem compreendidas como má conduta profissional, em contrapartida, quando vinda de uma professora do sexo feminino existe maior aceitação e normatização da ação.

A percepção do professor homem da educação infantil, dentro das referências encontradas, se ateve principal e majoritariamente ao professor pedagogo, não conseguindo encontrar registros suficientes de professores de outras áreas do conhecimento que estejam publicando sobre as reverberações com a licenciatura na educação infantil. Me refiro aos professores de especialistas em outras áreas como os professores de Arte, Educação Física e Língua estrangeira, pois essas outras atuações também adentram as salas de aula da primeira infância e encontram os mesmos desafios.

Então, pode-se questionar, como está a representado o professor homem na licenciatura em Música? Teria ele mais ou menos desafios por ser um professor homem pedagogo? Ainda reflito sobre minha percepção pessoal durante a minha própria graduação, pude observar que das pessoas matriculadas na formação em Licenciatura em música, o número de homens era maior do que o número de mulheres. E desses, quantos formandos estão de fato encaminhando para a docência? E dos licenciados, quantos estão interessados em atuar dentro da educação básica e quantos optam em atuar para a educação específica de instrumento? Essas e outras perguntas direcionam para futuras pesquisas que podem corroborar com a temática do entendimento da presença, ausência e estranhamento do professor homem na educação, especificamente, dentro da Educação Musical Escolar.

Ainda dentro da pesquisa realizada até então, foi importante compreender o contexto do educador musical na Educação Infantil. O levantamento bibliográfico de et al Vieira, Cardoso, Ferreira e Neto (2022), analisa artigos publicados em revistas específicas de música e afirma que embora os Cursos de Graduação de Licenciatura em Música no Brasil objetivam formar professores(as), a maior parte dos licenciandos em Música não pretendem atuar na Educação Básica formal. Ressaltando que os discentes são predominantemente do sexo masculino nesses cursos. Vieira et al. (2022, p. 8), afirmam que “O sexo masculino prevalece tendo um total de 279 contra 198 do sexo feminino. Sobre a intenção de atuar na educação básica houve uma divisão de opiniões: 51,99% indicou não ter a intenção e 48,01% indicaram ter a intenção.”

As reflexões sobre essa temática, enquanto campo de teórico de pesquisa, vem demonstrando uma maior visibilidade, tanto que se as investigações forem atualizada em um ano, já há outros escritos próximos da temática. E se pensarmos sobre o campo de atuação, ou seja, sobre o próprio ambiente escolar, há possibilidades de diálogos e ressignificações da atuação no professor homem na docência na Educação Infantil? Da pesquisa realizada até 2022, apenas dois

trabalhos abordavam sobre a percepção da gestão escolar e das considerações da comunidade extraescolar sobre esse profissional.

Na minha experiência pessoal, a discussão sobre esse tema nas instituições escolares é por diversas vezes evitada, contribuindo para permanência de concepções rígidas de masculinidades e feminilidades, impedindo assim, a formação de visões críticas sobre o ser homem e o ser mulher enquanto professor e professora de crianças pequenas.

Apesar disso, as pesquisas aqui analisadas, revelam que os professores homens que permaneceram na Educação Infantil e enfrentaram os preconceitos e estigmas da comunidade escolar, superaram estes percalços e desenvolveram uma relação de confiabilidade profissional para com os pais, gestores e alunos, desmistificando assim, a divisão de gênero no trabalho pré-estabelecia socialmente.

As considerações apresentadas estimulam a reflexão e o entendimento desse tema de pesquisa, mas ainda é um número baixo perto do tamanho do campo em análise. Acredita-se ser necessário pesquisas também de natureza quantitativa sobre a atuação desses docentes e gestores, dando vozes e lugar para diálogos sobre suas experiências educacionais, a fim de contemplar mais a amplitude e profundidade sobre a presença masculina na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Iristeu Gomes *Docência masculina na educação infantil: concepções de gestores escolares*. São Caetano do Sul, SP. 2020.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional no 135/2024. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2024.
- CONNELL, Robert W. Políticas de masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- COUTINHO, Rivaldo Monteiro. *O docente masculino na educação infantil na Amazônia: como se percebe e é percebido no espaço escolar de Oriximiná*. Santarém, PA. 2019
- SAYÃO, Deborah Thomé. *Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche*. Florianópolis, SC. 2005.
- HANTGES, Jacques Karine. *Homens na Educação Infantil: o que pensam as diretoras sobre isso?*. Pelotas, RS. 2015.
- JÚNIOR, João Raimundo dos Santos Silva. *A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM MANAUS: Representações de pais, mães e professores*. PUC/SP. São Paulo, SP. 2021.
- MIRANDA, Marcelo Henrique Gomes de. *Magistério masculino: (re)despertar tardio da docência*. Recife, Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- MIRANDA, Antônio Marcos de Souza Barboza. *Ser professor homem nas escolas municipais de educação infantil (EMEIS) de Belo Horizonte: desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professores*. Belo Horizonte, MG. 2022.
- MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Zahar Editores: Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. 1978.
- MÜLLER, Vânia. *Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical*. *Revista da Abem*, v. 29, p. 199-213, 2021.
- NUNES, Patrícia Gouvêa. *Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (Go)*. Goiania. 2013.
- SILVA, Peterson Rigato da. *Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil*. Campinas, SP. 2014.
- PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. *Professor homem: o estrangeiro na educação infantil*. Appris Editora, 2016.

RABELO, Amanda Oliveira. *A figura masculina na docência do ensino primário: um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas primárias do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal*. Aveiro: Departamento de Ciências da Educação, 2008.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUSA, Alexandra Paula Cyrino dos Santos. *As representações sociais da escola e do docente acerca do exercício da docência masculina em séries iniciais*. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação, 2014.

VIEIRA, Bruna Maria de Lima. et al. *Perfis dos Licenciandos em Música no Brasil: uma pesquisa bibliográfica*. XVI Encontro Regional Nordeste da ABEM. 2022

WENNING, Gabriela Garbini. *Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as de música da educação básica*. *Revista da Abem*, v. 28, p. 211-229, 2020.